DOI: 10.30612/el.v9i17.8821

VALDIR ADILSON STEINKE

"*Um diálogo sobre Geografia*"

Geógrafo, Mestre em Geologia e Doutor em Ecologia. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade de Brasília. Têm experiência na área de Geografia, com ênfase em Análise Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: bacia hidrográfica, análise da paisagem, patrimônio natural, biogeografia, planejamento e área de imagem (fotografia e cinema) na Geografia.

Bruno de Souza Lima
Charlei Aparecido da Silva
Fábio Orlando Eichenberg
Patrícia Cristina Statella Martins

E.L: Fale sobre sua origem, formação e o que te levou para os caminhos da Geografia.

Valdir Steinke: Minha origem: sou do Rio Grande do Sul. Fiquei lá até os 26 anos. Então, minha escola começa no noroeste do Rio Grande do Sul. Trabalhei com implementos agrícolas dos 14 aos 26 anos. E a vontade de fazer Geografia sempre falou mais alto desde o ensino fundamental e médio. Atribuo isso a duas professoras: Prof. Filomena, na 8ª série, que além de ótimas aulas, nos tirava de sala e a Professora Carmen Regina Nogueira, no ensino médio. Além disso, falou mais alto o fato de eu sempre ter uma relação forte com as questões ambientais, de natureza. Sempre gostei de estar no meio do mato e acampar. Iniciei meus estudos na Universidade do noroeste do estado chamada Unijuí, em um curso de Geografia bastante proeminente na época. Eles tinham acabado de criar o bacharelado. Entrei na universidade tardiamente, digamos assim. Acho que dei sorte porque peguei uma época desse curso (da Unijuí) com uma efervescência muito grande de professores, aos quais tenho muita admiração e carinho, até hoje. Obviamente, por ser uma escola tradicional, trabalhava muito fortemente a dicotomia entre Geografia Física e Humana, mas, de certa maneira, consegui me adaptar bem. Atuei nas duas áreas como bolsista e estagiário. Fiz estágio sobre o diagnóstico socioeconômico de cidades. Enfim, acabei indo para área mais forte da Geomorfologia com a Professora Maria Ligia.Cassol Pinto (atualmente na UEPG) e destaco ela e a professora Maria Del Carmen, que hoje está na Espanha e esteve dia desses em Brasília.

No final de 1998 e inicio de 1999 mudei para Brasília sem ter terminado o curso de bacharelado da Geografia na Unijuí. Conclui os cursos de licenciatura e bacharelado, em Brasília, no Centro Universitário de Brasília, o UNICEUB. Não fui para UNB porque eu precisava trabalhar. Brasília, dentro dos caminhos da Geografia, foi onde eu avancei na carreira profissional mesmo. Brasília abriu oportunidades de trabalho como geógrafo. Trabalhei de 1999 a 2009, quando entrei na UNB, como professor. Foram dez anos

trabalhando em consultorias, ministérios e empresas públicas. Tudo isso enquanto fazia mestrado e doutorado. O caminho da Geografia é mais ou menos esse. Obviamente, e isso é importante salientar, foi na graduação que eu decidi seguir carreira acadêmica, com as professoras Ligia, Carmen e a própria Helena Calai, todas me incentivaram e, assim, me preparei para a carreira acadêmica.

E.L : Então pelo que parece esse caminhar dentro da Geografia é um processo de escolha de área já na graduação. Há uma sedução pela área ambiental já na graduação?

Valdir Steinke: Na graduação, o deslumbre se deu na parte técnica. A primeira disciplina que fiz foi Cartografia, com a professora Carmem. Uma professora rígida, fantástica, mas muito rigorosa, porém, ao mesmo tempo mostrava as possibilidades existentes no processo de mapeamento. Tenho o material das aulas de Cartografia até hoje. Daí vem o primeiro dilema da Geografia. Não nego que quando eu começo a ler o que é considerado como Geografia Humana, que são textos interessantes para reflexão da própria ciência, isso também me atrai, até porque, no passado, meu envolvimento com movimentos secundaristas, estudantis, deu-me uma boa base de leitura mais epistemológica, filosófica - aquilo de querer ser revolucionário, coisas da juventude. Porém, quando fui trabalhar na Geomorfologia aplicada, com a professora Maria Ligia, que não enxergava e não enxerga a Geomorfologia isolada do contexto social, abre-se uma possibilidade de contextualizar e pensar, de maneira integrada, e olhar para Geografia como um todo e isso, quase sempre, nos traz um incômodo. No PIBIC, sob sua orientação, trabalhei com processos erosivos em áreas agrícolas, mas não era simplesmente isso. Apesar de cavar trincheiras, coletar amostras de solo e levar para o laboratório, sempre havia por trás uma intencionalidade geográfica. Registre-se, apesar de ela ter me obrigado a fazer pedologia, no curso de Agronomia, que eu penei para muito para fazer, a busca sempre era pela compreensão "das coisas", pela Geografia. Foram horas nos laboratórios secando e fazendo análises de solo. Ela perguntava sempre para a gente: "Por que fazer isso?" E a resposta quase sempre era a mesma: "Para quando a gente chegar lá no produtor rural explicar para ele a importância daquele estudo". Do cuidado com o manejo da propriedade, tudo isso. Então você começava a enxergar a Geografia de uma maneira mais ampla, mais holística, mais integrada. Não era simplesmente ir lá, medir o processo erosivo, fazer análise de solos e ponto final. Era você chegar e dizer: *teu solo precisa de um manejo tal*, começa a ter uma interação, que é ambiental, natural e antrópica. Essa forma de análise, bastante peculiar no olhar da Ligia, me levou ao desafio de pensar a Geografia de forma mais integrada.

E.L.: Parece-nos que há uma sedução pela espacialização dos dados e o quanto foi significativo a possibilidade de inter-relação ou interdependência desses fenômenos dentro da Geografia. Você acredita que a Geografia ainda hoje tem esse papel ou deva ter esse papel?

Valdir Steinke: Eu tenho convicção disso. Eu não consigo olhar para ciência geográfica fragmentada. Indiscutivelmente, em algum momento, você prioriza alguns estudos e, em outro momento, outros. Mas não se pode perder de vista a análise integrada. O desafio está em fazer uma análise que possa dar respostas a diversos elementos ou áreas da própria ciência geográfica - tenho convicção que esse é o nosso papel. E continuo convicto que temos que exercitar isso todos os dias - pela linha epistemológica que for. Esse é um problema que eu vejo, por exemplo, na discussão da Geografia, dita crítica, no Brasil. A Geografia crítica, no Brasil, aboliu a análise espacial, não quis fazer análise integrada e optou por uma discussão dialética. Isso, na minha modesta opinião, é uma falha, uma lacuna. A Geografia brasileira tem demorado muito a assumir isso. Estamos presos a paradigmas que, em outros países, estão muito mais resolvidos. Inclusive, na minha avaliação, em alguns casos, leu-se muito superficialmente autores clássicos da Geografia, e isso afetou muito a Geografia. Assim, me parece que é preciso trabalhar muito isso e avançar na proposição de uma Geografia para o século XXI.

E. L.: O senhor é graduado em Geografia, mestre em Geologia e doutor em Ecologia. Como os conhecimentos da Geologia e da Ecologia foram transportados para a Geografia? Como isso contribuiu na sua formação como geógrafo, pesquisador e docente?

Valdir Steinke: O Professor Rafael Sânzio, da UNB, tem uma frase que eu gosto muito de usar: *"Como geógrafos, quando vamos para outra área, voltamos mais geógrafos, isso reforça tudo que aprendemos, na Geografia, na interface com outras disciplinas".* Concordo muito com ele. Sair da Geografia e ir transitar em outras áreas do conhecimento fez com que eu ampliasse o olhar sob a própria Geografia. Mais do que isso, me faz ver a importância da Geografia, como ciência para as outras áreas, como suporte e complemento. Temos que acabar com esse complexo, essa ideia que a Geografia não contribui em nada. Tive a felicidade de participar, em 2015, de uma mesa no ENANPEGE, que foi um momento ímpar. Os presentes respaldaram essa minha perspectiva que é: nós sermos vistos pela comunidade, tanto acadêmica quanto pela sociedade em geral, como aqueles que não propõem nada – temos que mudar essa forma de ver e compreender a Geografia. De fato, propomos muito pouco frente ao potencial que temos. Somos fracos em apresentar soluções claras e objetivas, talvez nos falte pragmatismo. Somo bons em criticar e apontar problemas - em país como o nosso, isso é mais que importante, mas temos que ir além. E falo como geógrafo. Falo com conhecimento de causa e vivência porque eu já ouvi críticas por conta da falta de sermos mais propositivos. Como trabalhei muito na esfera pública e privada, sair de um modelo no qual a Geografia não é propositiva foi um desafio

necessário. De fato, acho que tive felicidade, sou muito feliz por isso e por ter tido os orientadores certos. Meu orientador de mestrado, tenho orgulho de dizer, é meu amigo. Meu orientador de doutorado, o Saito, também é meu amigo e trabalha comigo até hoje. Esse tipo de relação construída em ambientes onde você tem liberdade de buscar conhecimento, proporciona fazer outras leituras e rever leituras, inclusive, da própria Geografia.

E. L.: Percebemos em sua fala uma preocupação em mostrar aos alunos, dialogar sobre o papel da Geografia e as possibilidades futuras. Isso resultou no projeto chamado "Diálogos geográficos profissionais" ?

Valdir Steinke: Bom, essa avaliação de geógrafo, a experiência em órgãos públicos e na iniciativa privada, isso é uma discussão que eu faço sempre com os meus alunos. A minha preocupação era tanta, que gerou esse projeto na UNB "*Diálogos geográficos profissionais"*, inclusive com um canal no Youtube - www.youtube.com/user/LAGIM2011 . A minha prioridade, na entrevista, é com os geógrafos que estão atuando no mercado de trabalho. Porque os alunos, quando entram para fazer Geografia, necessitam saber em que seara vão viver, entende? A escolha de um curso de graduação, na minha avaliação, assim bastante tímida, é uma escolha complexa, com vários desdobramentos futuros. Uma escolha de vida, não é? E considerando que, hoje, cada vez mais jovens, os alunos, fazem isso em uma idade precoce, eles precisam, o quanto antes, saber aquilo que lhes aguarda. Assim, projeto procura esclarecer um pouco, esclarecer pelo lado profissional. Visa mostrar, na verdade, a potencialidade do geógrafo, porque os alunos ficam inseguros quando ao exercício profissional. A ideia é mostrar nesse emaranhado, nessa relação multidisciplinar, efetivamente, aonde que a gente vai exercer a nossa transdisciplinaridade profissional. Mostrar e discutir a potencialidade da profissão: "Olha, o geógrafo pode trabalhar na área de saúde, na área de meio ambiente, na área de recursos hídricos, na área de cultura, na área de saneamento, na área política, na área de planejamento urbano..." Enfim, demonstrar infinidade de atuações que o geógrafo, a profissão, tem.

E.L: Observa-se na sua trajetória uma preocupação no trato, no uso da paisagem com objeto de estudo. Isto é mesmo real, a paisagem é importante como categoria analítica? Como você a utiliza?

Valdir Steinke: Se a paisagem é importante como uma categoria analítica, eu também não tenho dúvidas. É importante, sim! Talvez aí vem o grande desafio que a gente vai entrar em toda questão teórica, conceitual, do que é essa categoria analítica, e mais do que isso, que analise é essa? Se é uma categoria analítica, necessariamente é uma categoria de análise, então tenho que definir a categoria e o tipo de análise. A paisagem como categoria analítica exige algumas decisões que, às vezes, são difíceis de serem tomadas, a depender das circunstâncias, do objetivo traçado para seu uso. Se é difícil definir a categoria, o tipo de análise não é diferente. Se vai ser uma análise empírica, epistemológica, mais analítico

do ponto de vista do modelo, de resultado, de modelo. Na verdade, é sempre um desafio. O que devemos assumir é sua importância e não abrir mão de usá-la.

E.L: Quais são só pensadores e textos fundamentais para quem pretende se aprofundar nos estudos da paisagem?

Waldir Steinke: Com relação aos textos fundamentais, eu tenho defendido a ideia que, para entendermos a paisagem, precisamos fazer leituras fora da Geografia Clássica. Ou daquilo que entendemos como literatura Geográfica. Defendo que os alunos leiam um pouco sobre Filosofia da Ciência ou leituras sobre Filosofia da Natureza. Dai sempre indico algumas leituras. Capra e suas obras (O TAO da física, Ponto de mutação, Conexões Ocultas). Ele lançou um livro, com um italiano, que é quase uma síntese de quase tudo isso. É quase uma síntese das suas obras. Por quê? Eu sinto a necessidade de, quando olharmos para Geografia, olharmos isso como um grande sistema, e a gente não tem conseguido fazer isso se formos direto para o que temos como literatura. É importante o processo de trabalhar com a categoria, analisá-la de forma mais integrada, sistêmica. Estou falando do Capra. Poderia começar com Bertalanfy... Morin: A série do método. Acho crucial para se trabalhar a questão de Ciência, Geografia e paisagem como Ciência. É importante. Pode não ser uma leitura muito confortável ler a "A Natureza da Natureza", de Morin, mas, insisto sobre sua importância. Acho que esses nomes me ocorrem agora.

E.L: Como analisa a abordagem da paisagem dentro do contexto brasileiro?

Valdir Steinke: No contexto brasileiro é uma categoria que ficou, durante muitos anos, marginalizada. E isso é sim, responsabilidade da escola da Geografia Crítica. Professor Conte afirmou isso, no passado. Por uma questão ideológica, abriu-se mão de uma categoria tão relevante para Geografia. E quando a gente quer retomar essa categoria, a bibliografia é escassa, isso é um fato. É uma grata surpresa ver a retomada dessa categoria nas pesquisas realizadas na pós-graduação, na última década. Em países como Espanha, Portugal, Itália e, até mesmo, nos Estados Unidos (com o Landscape), a paisagem é uma categoria importante muito estudada, inclusive, ponto de partida para planejamentos territoriais e ambientais.

E.L: Considerando que o tema da sua tese é "Identificação de áreas úmidas prioritárias para conservação da biodiversidade na bacia da Lagoa Mirim (Brasil-Uruguai): subsídios para gestão transfronteiriça" quais são as dificuldades e os desafios de pesquisar o tema paisagem em ambientes fronteiriços?

Valdir Steinke: Então, o que eu fiz foi o seguinte: me desapeguei da fronteira, no sentido de enxergar o limite entre os dois países e, em seguida, então, definiu-se a bacia hidrográfica da lagoa Mirim, porque são 70.000 km^2 de bacia hidrográfica, dos dois lados, Brasil

e Uruguai. Quando eu olho para a bacia, eu não estou olhando mais para o Brasil e para o Uruguai, eu estou olhando para um sistema hídrico e isso me permitiu compreender a área de forma mais complexa. Dessa forma, não tratei a fronteira sob o ponto de vista político e sim, dos desafios postos na gestão de uma área, de um ambiente fronteiriço.

E. L: Ainda nesse raciocínio, a respeito dessa condição transfronteiriça, você acredita que é muito mais interessante tratar a fronteira primeiramente sob o ponto de vista mais integrador, tendo como base a paisagem e seus aspectos naturais?

Valdir Steinke: Eu acho que esse é o melhor caminho, se é que eu posso dizer. Comigo funciona e funcionou muito bem quando estudei a fronteira com o Uruguai. Obviamente, que cada fronteira tem uma peculiaridade, tem uma cultura própria de relacionamento mais conflituoso ou menos. Então, veja: essa fronteira foi sendo, do ponto de vista político, desenhada e pode ser que mude, mas aquele ambiente está lá, continua lá e estava lá antes da nossa chegada, digamos assim. Na história da evolução natural da paisagem, ela já estava lá e é isso que me importa no processo de análise. A paisagem natural, sem a ação antrópica, já estava lá, chegou antes.

E.L: Sabemos que o senhor utiliza a técnica de mapas conceituais. Explique de maneira isto é ou pode ser aplicado nos estudos da paisagem?

O mapa conceitual é importante à gente dizer aquilo que ele representa. Muitos têm usado mapa mental como sinônimo de mapa conceitual. Eu separo isso! Para mim, mapa mental é aquilo que o pessoal da cartografia usa. O mapa conceitual vai caminhar na possibilidade de esclarecer as relações entre os conceitos. Outra coisa que nós sempre dizemos é que os mapas conceituais são subjetivos, não certo ou errado. Na minha interpretação o resultado reflete o grau de apreensão do sujeito frente ao conceito analisado. Dessa maneira, as questões refletem a hierarquia que o sujeito observa entre elementos que compõem determinada paisagem – eles estão expressos no Mapa Conceitual. Então, o sujeito constrói o mapa conceitual por um conceito ou uma rede de conceitos, a fim de esclarecer o uso do conceito escolhido. Isso para mim é mais importante. O uso dos mapas conceituais auxilia a entender as ramificações e capilaridades do conceito e da escola utilizada. Dessa forma, o uso de mapas conceituais deve auxiliar na ampliação da discussão sobre determinado aspecto de interesse. Então, o mapa conceitual vai auxiliar você a organizar o raciocínio. Seu raciocínio vai estar nas setas, que estarão para todos os lados. Ou seja, a discussão é: o quanto o mapa conceitual consegue explicar determinado objeto, conceito, tema ou problemática, na verdade.

E.L: O senhor está desenvolvendo técnicas de pesquisa que visam o uso da fotografia nos estudos da paisagem?

Valdir Steinke: Tenho certeza que a fotografia é um elemento, uma técnica essencial e importante para a Geografia. Mas, tenho bastante convicção que nós ainda estamos fazendo uma análise, uma utilização muito superficial da fotografia. A gente não só não explora como, também, não a instrumentaliza adequadamente. Precisamos avançar nesse procedimento para avaliar a questão da paisagem. Somos, às vezes, descritivos demais ou estéticos demais, ou só estéticos ou só descritivos. Ainda não achamos o ponto de equilíbrio. É difícil. Você não pode atribuir a fotografia e deixar a interpretação na mão do leitor – isso não é o ideal e o correto. E para a paisagem, isso é clássico. Além da relação representativa e estética, eu diria que é uma relação para além disso. A fotografia é um recurso de informação geográfica e devemos alfabetizar as pessoas para seu uso e interpretação.

E.L: Então quais são as técnicas e instrumentos que o senhor acha importante nos estudos da paisagem?

Valdir Steinke: Para paisagem? Além da fotografia? Eu acredito que fazer uma boa avaliação da origem daquela paisagem, entender aquele processo, como ela se formou, isso é essencial; tentar extrair, inclusive, indicadores quantitativos, uma coisa que a Geografia felizmente tem retomado, com bastante ênfase. Temos que assumir e ter consciência que a fotografia e os recursos audiovisuais são pouco ou mal explorados nas pesquisas geográficas. A fotografia como recurso de registro, acho que isso a gente até faz bem, mas, como informação qualitativa ainda podemos avançar. Que informação é essa? Essa deve ser uma questão chave nos estudos. A fotografia, nesse caso, não é uma questão estética, é uma questão informacional. Eu não estou preocupado se a fotografia é bonita ou se, sob ponto de vista da técnica, ela está perfeita, e sim, seu significado geográfico no contexto da análise. Tomo como exemplo, a obra da geógrafa, a série de fotografias, da Dora de Amarante Romariz – para quem não conhece, recomendo uma busca sobre esse trabalho, ele é fantástico. Imagine revisitar todos os lugares apontados no estudo de biogeografia da Dora Romariz, seria um descortinar do tempo e a redescoberta de um novo Brasil sob o ponto de vista da paisagem e da própria biogeografia. Imaginem se tivéssemos, nas fotografias da Dora Romariz, as coordenadas geográficas, o azimute das fotos! Infelizmente não temos esses registros. A inserção da coordenada do local da foto passa a ser um elemento essencial nos estudos sobre a paisagem, com a disponibilidade de tecnologias e equipamentos que temos, abrir mão disso é um equívoco. Para além disso, as imagens captadas por drones têm, e irão, de fato, mudar nossa concepção sobre a paisagem. Some isso aos SIGs e as tecnologias da informação e teremos uma nova concepção de espacialização da informação geográfica e de concepção de paisagem. A estrutura da paisagem pode até ser a mesma, mas a forma como a vemos e a estudamos se alterou drasticamente. Além disso, temos a forma como podemos divulgar esse conhecimento

produzido. Essa, talvez, seja o desafio futuro, essa adequação de linguagem e técnicas no âmbito dos estudos da paisagem, na Geografia.

E.L: Professor Valdir mais uma vez agradecemos sua atenção e disponibilidade em contribuir conosco. O senhor gostaria de fazer algumas considerações finais?

Então, eu só tenho que agradecer e dar os parabéns pela iniciativa de vocês, do LGF (Laboratório de Geografia Física). São iniciativas que eu tenho achado valiosas, esses momentos dedicados ao ato de conversar, trocar ideias e experiências - uma coisa que a gente quase não faz por conta da nossa rotina, corrida, como sempre. Eu tenho exercitado isso lá no laboratório. Agradeço e parabenizo a todos. É isso!

Dourados, maio mês de 2017.
Laboratório de Geografia Física
NEEF/UFGD

Recebido para publicação em outubro de 2017
Aceito para publicação em janeiro de 2018